

ASSIGNATURAS
 Corte, anno..... 10\$000
 Semestre..... 5\$500.
 Trimestre..... 3\$000
 Mez..... 1\$000

Pagamento adiantado

O SORRISO

ASSIGNATURAS
 Provincias, anno. 12\$000
 Semestre..... 7\$000
 Trimestre..... 4\$000
 Mez..... 1\$500

Pagamento adiantado

JORNAL SCIENTIFICO, LITTERARIO E RECREATIVO

Dedicado às Páguas Brasileiras

PROPRIEDADE DE M. J. MACHADO & F. A. COSTA

PUBLICA-SE DUAS VEZES POR SEMANA

Numero avulso 100 rs. Edição especial do assignante 200 rs.

COLLABORAÇÃO FRANCA AOS ASSIGNANTES

Collaboradores effectivos:—Drs. Mello Moraes, Luiz Cardoso, Bernardino Bormann, Macedo de Aguiar, Agostinho de Araujo, S. Junior, Alfredo Gomes e Symphronio Cardoso.—Constantino do Amaral Tavares, Victor da Cunha, Augusto Emilio Zaluar, J. M. Tavares, João Mendes, Dr. Mello Moraes Filho, Dr. Walduroff, M. J. F. Guimarães, M. F. Machado, F. A. Costa, etc

Escriptorio e Redacção.—Rua de Gonçalves Dias 28

Anno I Rio de Janeiro, 6 de Novembro de 1880 N. 11

A engeitada

(DIA DE FINADOS)

Correm todos á farça, ao carnavaal funerio,
 Tendo a masc'ra fallaz que mente ao sentimento ;
 Por entre os mausoleus segue o cortejo lento,
 Traja galas e festa, alegre, o cemiterio.

+

Vaidade d'além tum'lo ! A' morte e seu mysterio
 Insulta—os essa dor, que é vil, que é fingimento ;
 Do morto nem se attende ao sepulchral lamento,
 Nem se consagra um dia a um sentimento serio !

.....

Vinha rota e descalça a misera criança,
 Vinha vindo e parou no funebre portão,
 Olhou, s'entristeceu, perdida em vão seismar...

+

Julgava aquillo serio, e veio-lhe á lembrança
 Que um chorava seu pai, ou mãe, outro o irmão,
 Mas por ella jámais iria alguém chorar !...

S. JUNIOR.

No bosque

Do bosque em meio, na soidão sombria,
 Baixava o dia, s'escoando a luz ;
 Da tarde estiva—no ceruleo manto,
 Suave encanto se derrama a flux.

Languida rôla soluçando amores,
 Traduz as dores do melhor pungir ;
 E o companheiro que o gemido entende,
 Os ares fende,—vem-lhe aos pés cahir.

Ao ninho chegam, saltitantes, lindas,
 Rôlas bemvindas da amplidão azul ;
 Que terno affago !—do languor em meio,
 Abrem-lhe o seio as virações do sul !

Tu és a rôla d'este bosque olente,
 Pomba innocente do meu docé amor ;
 No alvo ninho que balouça a brisa,
 Prende-se lisa trepadeira em flor.

E,—como é bella ! como ostenta galas !
 Brilham opalas, borboletas mil
 Em torno d'ella, quando cresce e enrama :
 Que paz se chama,—como tu gentil !

SYMPHRONIO CARDOSO.

O JÓCA

(ROMANCE INSTANTANEO)

I

Jóca nascera n'uma rua da cidade-nova, bem na esquina.

Aos onze annos achou-se orphão ; recolheu-o o padrinho, antigo empregado publico, um velho que soffria de uma dyspepsia chronica, e cujos rares cabellos iam-lhe a fugir pelo toutiço abaixo.

Na casa devia de haver uma mulher. E havia-a ; a Sinh'Augusta, especie de governanta, que adubava de dia o assado e o feijão preto, e deitava á noite remendos nas meias e ceroulas do velho, com uma precisão mathematica.

A Sinh' Augusta embirrara com o Jóca. *Toujours la femme....*

Pois não tinha razão.

O Jóquina na escola era um modelo.

O professor dera-lhe a distincção de um mocho, ao pé de si, no estrado : fizera-o seu ajudante.

Por isso mesmo, os companheiros quebravam-lhe, ás occultas, a caneta, borravam-lhe a carta, e á tarde, ao sahirem, formavam alas para o deixarem passar, chamando-lhe ironicamente :

— Sr. professor!...

E isso quando o não faziam de peteca.

O Jóca tinha então a serenidade dos martyres ; sómente, a meio caminho, quando os já não via, e não lhes ouvia mais as risadinhas metallicas, desatava a chorar, resmungando : —diabos !

Em casa, quando não desdobrava com uma tenacidade idiota as extremidades das folhas do livro, levava horas esquecidas deitando pedacinhos de papel na têa de

uma aranha, que tivera a infeliz idéa de habitar o canto da varanda.

Por isso tudo Sinh'Augusta embirrara com elle. A' noite, em frente ao velho, com os oculos na testa e muito têza a cirgir e fuxicar, quando a conversação recahia sobre o futuro do Jóca, dizia impreterivelmente :

— *Aquillo* é um lesma ; não póde com uma gata pelo rabo...

— Antes assim, Sinh'Augusta...

— Qual, retorquia ; que os sonsos eram os peiores, que aquillo era *manha*...

E fazia considerações interessantissimas sobre os temperamentos,concluindo sempre:

— O verdadeiro é V. Mcê. fallar com o Pedrosa, para o arrumar lá no armarinho.

— Deixe elle completar os quatorze, ponderava o velho.

II

Naturalmente o Jóca completou os quatorze.

Lia então bem a *Gazeta* e sommava as contas da venda.

O padrinho o levára, caminho da repartição, até o armarinho—a Loja da Cóbrea, era o titulo,—e ahi o deixara :

— Aqui estou, Sr. Pedrosa...aqui está o pequeno de que lhe fallei....não é máo menino, não....um pouco acanhado...

— N'um mez estará um finorio....

O Jóca teve então um risonho olhar de tacita asserção.

E entrou para o balcão, contente, rindo-se interiormente da peça que pregava aos collegas da escola, e presentindo já o risonho aspecto do *ganhar dinheiro*.

No dia seguinte aborreceu-se um pouco: doiam-lhe os pés de estar em pé, e *Seu*

Antonio, o primeiro caixeiro, chamava-lhe de burro, sem geito, e dava-lhe empurrões.

Mas, em compensação, sentia um intimo contentamento em desdobrar as fitas de côres, cheirar os sabonetes, e aos domingos, quando ia a casa, notava que Sinh'Augusta ia-lhe querendo menos mal, e o padrinho guardava-lhe dôces, recommendando-lhe amorosamente:

— Trabalha, que é para seres gente.

Um dia, um freguez, o Dr. Cosme, entra na loja apressado:

— Guarda-me esse livro?... é um romance, ouviu?... e foi-se.

O Jôca collocou-o machinalmente na prateleira; mas instantes depois, a palavra *romance* chegou-lhe ao cerebro.

O que seria *romance*?

Na escola sôlêra o *Syllabario Portuguez*, o *Joãosinho*, ou a Cartilha.

E lembrava-se confusamente de pedaços do *Syllabario*: uma ruin gravura sobre madeira tentando representar um boi, e adiante, em maiúsculas:

BO—BOI, E' UM ANIMAL DE QUATRO PE'S.

E o *g*, e o *m*.

E a historia da formiga no *Joãosinho*.

Sentio então um forte desejo de saber o que era romance; abriu-o na primeira pagina e leu—O Castelló dos Moitos.

Teve um arripio; mas, em seguida, folheando-o, poz-se á admirar o colorido das gravuras.

O patrão porém, chamou-o:

— Que fosse arrumar umas caixas com camisas.

M. J. FERREIRA GUIMARÃES.

(Continúa)

A menina Eurides

Tem a pelle assetinada
Embebida em leite e rosas;
Os cabellos, fios d'ouro;
Olhos, turquezas mimosas!

+

A bocca, um anel de fogo
Com doce voz bemolada;
Por dentadura tem perolas
Do Ceylão, uma enfiada!

+

Todas as fórmulas no torno
Parecem ter sido feitas;
Pé pequeno e bem moldado;
As mãosinhas mui perfeitas!

+

Quando se veste de azul
E chapêo da mesma côr:
Excede ao filho de Venus,
E' um anginho de amor!

+

O seu andar é garboso,
Como indifferente a tudo;
Porém, tendo só tres annos,
Para agradar faz estudo!

+

Quando a chamam de—bonita,
Finge não dar attenção;
Só a mim que sou seu noivo
Prometteu-me o coração!...

DR. WALDUROFF.

O Colibry

Floco de luz encantada,
Das brandas auras nascida;
Flor rutilante do espaço,
Sobre perfumes ungida!

As chispas que o sol desprende,
Das lindas azas chamejam t
Magos rubis scintillantes,
Em vez de olhos, dardejam!

O collo, o peito, os contornos,
São de ouro avelludados
Por mão de fada brunidos;
Pelos anjos matisados!

Ora qual flecha fendendo,
Ora travesso brincando...
Ora pairando indeciso...
Novos enlevos scismando.

E's colibry feiticeiro,
Orgulho do reino alado;
Ponto final do—perfeito,
Extremo do aprimorado!

Vai, voluvel, vai depressa,
Percorrer de flor em flor,
A todas beija inconstante,
A todas promete amor!

O calix resguarda o nectar,
Teu delicado manjar;
As pet'las aromatisam,
Na corola a vacillar!

Adejas do cravo á rosa,
Do rainunculo á margarida;
Do mal-me-quer á baunilha,
D'esta á cidreira florida!

Do jasmim ao lirio corres,
Da açucena á dhalia bella;
Do bogarim á saudade,
Volve á violeta singela!

Assim de amor em amor,
Vive teu ser innocente;
Não tens estorvo á ventura,
Sempre livre e independente!

Diversa sorte é a minha,
Que tendo força e razão,
Uma só flor me captiva,
Repleta o meu coração!

É' que em teus brincos ingenuos,
Buscas cégo os gozos teus;
E eu na infrene carreira,
Temo os castigos dos céus!

Floco de luz encantada,
Das brandas auras nascida;
Flor rutilante do espaço,
Sobre perfumes ungida:

Aproveita a felicidade
N'esse continuo folgar,
O tempo urge, e o destino
Tenta teu brilho apagar.

Dr. LUIZ CARDOSO.

**Dôr**

Antes da Lybia nos sertões ardentes
Viver em sustos do terror cercado,
Ouvindo ao longe reboar nos echos
O rugir dos leões;
Antes sentir as fauces resequidas
Pela sêde voraz abrazadora,
Sem que a esperança de um oásis venha
A mente deslumbrar;
Do que soffrer de uma saudade amarga
Pungente dor a espedaçar os seios,
Do que sentir a revoar no peito
Os cuidados da ausencia.

CONSTANTINO DO AMARAL TAVARES.



Por causa d'um primo

(SCENA DE CIUMES)

VII

Deixemos por um instante as duas irmãs de envolta com sua avó para vermos o que se passa em casa de D. Thereza, que meio enfastiada com os ápartes do moleque, que ella perfeitamente ouvira, mandou-o sair da sala, por estas palavras.

— Não quero que se intrometta na minha conversa; lembre-se do que é e do que eu sou. Retire-se para a sala proxima e espere as minhas ordens.

E o moleque, cabisbaixo, sahiu resmungando, sem fazer a mais pequena objecção, e antes lamentando-se de haver sido tão imprudente, pois desejava saber em que termos ficaria a contenda de D. Thereza com seu filho.

Este, pela sua parte, não se oppoz a entregar a carta que sua mãe lhe pedira, apesar de ser ella a confirmação das suspeitas desde muito alimentadas por D. Thereza.

— Julguei que me negava a carta de sua prima, observou ella.

— Não, mamãe. Já que assim o deseja, é meu dever satisfazer-lhe a vontade.

— O Sr. está muito docil, essa obediencia forçada faz-me desconfiar, porque nunca o vi tão humilde.

— Creio que mamãe não tem razão de queixar-se de mim, pois não me recordo de ter-lhe sido desagradável em coisa alguma, nem faltado ao respeito que merece.

— Sim, sim; eu é que o sei.

E abrindo a carta de sua sobrinha, leu:

« Primo do meu coração

« Não ha mais alegria para mim, querido primo !

« Uma duvida cruel me assalta o espirito, que será causadora de um grande desastre se eu me convencer de ser ella uma verdade.

« E tu, sim, tu sómente, és a origem do meu infortunio, das lagrimas que verto sem cessar, porque me vejo trahida pelo homem a quem entreguei o meu coração... »

— Trahida ! exclamou D. Thereza, interrompendo a leitura. Exijo que o Sr. me explique immediatamente o que isto quer dizer.

— Sinto não poder satisfazer-a, por ignorar ao que minha prima se refere.

— O Sr. ignora !? E é com essa desfaçatez que me responde, quando lhe vejo estampado no rosto o erro que commetteu?

— Supplico-lhe, mamãe, que não continue a interrogar-me sobre um ponto, para mim assaz melindroso, porque não me saberei defender. Continuo a dizer que desconheço a razão que levou minha prima Isabel a tratar-me tão asperamente, porque nunca lhe dei motivos para isso. E' bom que mamãe continue a leitura da carta, para ver se d'ella se collige alguma cousa que possa attenuar a culpa que se me quer dar, quando a consciencia de nada me accusa.

— Eu sei que o Sr. é muito innocente ! E continuou:

« Tem piedade de mim, attende á misera que se prostra a teus pés, a supplicar-te o teu amor, porque precisa d'elle para viver, para ser feliz !

« Para que me atraçoaste, meu bom primo ? Para que não me disseste que amavas minha irmã, para evitar o abysmo que se abre diante de mim ?

« Oh ! salva-me, salva-me, não queiras

ver perdida para sempre quem confiou na tua probidade e na tua grandeza d'alma.

« Dize que me amas, só a mim, que é falso nutires o mais pequeno affecto por minha irmã e abrirás um céu de prazeres á
Sempre tua

ISABEL.»

— Como é que o Sr. me explica isto? perguntou D. Thereza encolerisada.

— Não sei o que hei-de responder.

— Como?! O Sr. não sabe o que me ha-de responder? Bom; sei eu.

E descansando um pouco, como para tomar folego, mediu o filho de alto a baixo, e disse pausadamente:

— O Sr. ha-de casar com sua prima Isabel.

— Impossivel minha mãe!

F. ARTHUR COSTA.

(Continúa).



Presente e passado

A J...

Oh J... doce amor de minha vida!
Quantas vezes eu de longe contemplava
A belleza de teu ser, que desenhava
Em minh'alma, tua imagem tão querida?!

Quantas vezes, tu, medrosa, me fitavas
Atravez das cortinas da janella,
E surgindo do cantinho, eras tão bella
Como um astro do Senhor! mimosa estavas!

E quantas vezes, eu de pé, te admirava,
Anhelando disfructar um teu sorriso,
Para esmaltar o encantado paraizo,
Que amor em seus enlevos me affagava?!

.....

Chegou agora a nossa doce liberdade;
Vem, não tardes disfructar essa ternura,
E nos braços do prazer... nessa candura,
Esqueçamos o passado, sem saudade.

M. TRINDADE.

Serões da Província

POR

JULIO DINIZ

AS APPREHENSÕES DE UMA MÃE

O aposento em que nos achavamos era uma vasta sala rectangular, forrada por um papel de côr escura que, absorvendo os raios luminosos, lhe dava um aspecto sombrio e triste, apesar das duas amplas janelas de peitoril, que abriam sobre o pomar; por cima do fogão de lousa artisticamente cinzelado, pendia um espelho de moldura dourada, mas já em parte ennegrecida pelo tempo; toda a mobilia era pesada e antiga; o tapete, que forrava o pavimento, revelava longos annos de serviço nas côres, meio desbotadas e no fio da urdidura já em algumas partes descobertas. N'uma das paredes lateraes, fronteira á porta por onde entraramos, notava-se, em caixilho cuidadosamente conservado, um retrato a oleo de grandeza natural e de correcto desenho.

Representava um velho de nobre phisionomia, vestido com a farda da marinha portugueza e em cujo peito se divisava, distinctivo de lealdade e valor, uma pequena fita azul em fivela de prata.

Era o retrato do pai de Thomaz, velho militar, que havia combatido sob o commando de Napier, e voltára á terra onde nascera coberto de annos e de cicatrizes honrosas, para procurar no seio da familia uma morte socegada.

A pintura era de um discipulo de Vieira portuense, amigo intimo do velho marinho e seu hospede durante uma viagem que fizera pelo Minho. Não quizera o artista perder a occasião de reproduzir com o pincel um d'esses typos de soldado do

mar, que de dia para dia mais se vão perdendo na nossa terra, outr'ora berço e escola de navegadores.

D. Margarida tinha para com este retrato uma veneração quasi supersticiosa. Amara extremosamente o marido; porém, como de ordinario acontece entre caracteres de força desigual, este amor fôra n'ella misturado com um sentimento de respeito, que ainda conservava pela memoria d'elle.

Aquelle olhar grave e severo, tão perfeitamente reproduzido na tela, parecia ainda exercer sobre a senhora de Entre-arroios a mesma influencia, que exercera em vida.

Se por acaso e involuntariamente, fazia chorar o pequeno Thomaz já não ousava erguer os olhos na presença d'este retrato, como se temesse encontrar-lhe mais severidade na expressão; mas se, pelo contrario, alguma coisa acontecia, que fizesse sorrir o filho, — se as caricias lhe estancavam as lagrimas, olhava-o, esperando quasi vê-lo sorrir tambem. De pequeno costumára Thomaz a vir todas as manhãs saudar a imagem do pai; e dir-se-ia estranhar que este lhe não retribuísse a saudação em benções.

N'este momento a mãe carinhosa parecia invocar a memoria d'aquelle, que lhe fôra tão caro, para que velasse pelo interesse do filho; na presença d'este retrato, sob os olhares melancolicos d'aquelle nobre figura, que se dissera contemplal-a ainda com amor, a pobre senhora achava-se mais forte; era este o templo onde a sacerdotisa recebia a inspiração que lhe illuminava o espirito; fôra d'este recinto a senhora de Entre-arroios sentia-se apeada do pedestal, e despojada de não sei que aureola que a circumdava alli.

Desde que nos viu todos dispostos a escutal-a, disse-nos que enfim se achava decidida, ainda que com o coração despedaçado, a cumprir a vontade do marido, o qual sempre revelára desejos de que Thomaz seguisse os estudos; que julgava ser a idade, a que chegara o filho, aquella em que convinha pensar na realisação d'este projecto, e que por isso pedia aos seus amigos, os quaes folgava vêr alli reunidos, que assentassem por uma vez, qual das carreiras conviria ao Thomazinho e quando se deveria marcar o dia da partida. E, ao dizer isto, a voz tremula e lacrimosa da pobre mãe revelava uma profunda commoção.

Houve silencio na sala.

— Então? — continuou ella, conseguindo dominar o sentimento, que decidem? O que deve estudar o Thomazinho?

— A medicina.

— A jurisprudencia.

— A theologia,

Bradaram a um tempo o medico, o advogado e o abbade.

— Jesus, Maria! mas... concordem n'uma coisa. Elle não ha de estudar tudo isso. A sua opinião, dada por essa fórma, de nada me vale. Decidam-se por uma.

— Pela jurisprudencia.

— Pela medicina.

— Pela theologia.

Repetiu o côrô.

— Valha-me Deus — dizia a senhora de Entre-arroios, toda afflicta.

O advogado continuou:

— A jurisprudencia, Sra. D. Margarida, é o sustentaculo da sociedade!

— A medicina, minha Sra., replicou o medico, é a ancora da humanidade!

(Continúa)

MOSAICO

Do interessante estudo *A poesia popular nos campos* pelo conhecido e estimado litterato portuguez Luiz Augusto Palmeirim, autor da GALERIA DE FIGURAS PORTUGUEZAS, extrahimos para brindar as leitoras, as seguintes galantes coplas :

Inda que o lume se apague,
Na cinza fica o calor ;
Antes que o amor se ausente
No coração fica a dor.

Se te enfastia o eu querer-te,
E' força por fim deixar-te,
Ensina-me a aborrecer-te,
Que eu não sei senão amar-te.

Eu amante e tu amante,
Qual de nós será mais firme ?
Eu, como o sol, a buscar-te,
Tu, como a sombra, a fugir-me.

Eu casei-me e captivei-me,
Inda não me arrependi ;
Quanto mais vivo contigo
Menos posso estar sem ti

Não sei que quer a desgraça,
Que atraz de mim corre tanto !
Hei-de parar e mostrar-lhe
Que de vel-a não me espanto.

Se a leitora, tão amavel sempre, não leva a mal, passaremos a transcrever as seguintes graciosas quadrinhas de um certame poetico, um *desafio* no campo em dia festivo, entre um *Romeo* de jaleco e uma *Julietta* de saia curta :

ELLE

Façamòs, meu bem, as pazes
Como foi da outra vez ;
Quem quer bem sempre perdôa
Uma...duas... até tres.

ELLA

Não quero fazer as pazes,
Como foi da outra vez ;
Quem quer bem nunca offende
Nem uma, quanto mais tres !

— Muito bem. *Sra. Julieta*, muito bem !

—Brilhou !



CHARADAS

As do numero 9 são : Canario, Pharsalia e Anacleto.

Um bom livro ao 1.º decifrador d'estas :
Sem ter X sou elle mesmo—1

No forno entro e não fico —1

Resalto do craneo rico

E desço do céu ás vezes.

1—1—2 Immenso, além de lá, na bíblia, uma mulher

1—1—2 No meio da rua, na ponta do nivel, no lado da folha é um todo complexo.

1—1—2 Da terra do chá, metade d'um tolo, não trepa a serra sem dentes.